



**IX ENCONTRO BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA**

ISSN: 2594-5688

secretaria@sbap.org.br

Sociedade Brasileira de Administração Pública

**CASOS DE ENSINO**

**O ESTUDANTE DO ENSINO SUPERIOR PROATIVO DE SUA  
APRENDIZAGEM**

**EDILSON SANTOS BRAGA, ESTELA MARIS GIORDANI, JULIANE THIBES KREISIG, MARCELO  
MARCHESAN,**

**GRUPO TEMÁTICO: 15 Casos de ensino na Adm. Pública**

IX Encontro Brasileiro de Administração Pública, São Paulo/SP, 5 a 7 de outubro de 2022.  
Sociedade Brasileira de Administração Pública  
Brasil

Disponível em: <https://sbap.org.br/>

## O estudante do ensino superior proativo de sua aprendizagem

### Resumo:

Novas técnicas de ensino alinhadas às TICs, resultam num ambiente de transformação, no qual, alunos e professores constroem o conhecimento de maneira mútua e atualizada. Sabe-se que na mediação do conhecimento o planejamento do processo de ensino-aprendizagem é imprescindível, pois favorece adequação e reflexão das práticas pedagógicas dos professores no alcance dos seus objetivos. Esta pesquisa é do tipo bibliográfica e objetivou compreender como o professor universitário pode organizar aulas atrativas, que reflitam efetivamente em aprendizagens significativas para os estudantes. Os achados da pesquisa revelam que o aluno deve se tornar proativo em sua aprendizagem e o professor deve se reinventar, buscar metodologias ativas que propiciem ao aluno uma aprendizagem efetiva e transformadora.

**Palavras-chave:** Prática Docente. Protagonismo do aprendiz. Técnicas de Ensino. Ensino Superior.

### Introdução

A educação superior, principalmente no setor público, possui a responsabilidade social de ser ferramenta que, por meio da promoção de aprendizagens, auxilia no desenvolvimento de pessoas capazes de promover mudanças em seu contexto social e de inter-relação com as diversas dimensões da vida dos indivíduos e grupos sociais. Infere-se, portanto que a educação, em todos os seus níveis, porém voltando o olhar neste estudo para o nível superior tem como missão contribuir com a formação de indivíduos autônomos, críticos, criativos e ativos, capazes de contribuir com as transformações da sociedade em que vivem.

Existe uma preocupação e discussão em relação a qualidade do ensino brasileiro, desde o ensino fundamental ao superior, que denota altos índices de evasão, desinteresse e falta de motivação em aprender. “É generalizada a queixa de professores universitários a respeito da falta de interesse e dedicação aos estudos de seus alunos” (BARTALO; GUIMARÃES, 2008, p. 2). Apesar da falta de interesse e rendimento dos alunos ser um fato, também é possível identificar deficiências em relação às Instituições, com problemas na qualidade de ensino e aprendizagem nos cursos superiores.

Para Ruiz (2004, p. 173), “não há uma preocupação em conservar a motivação do universitário e tampouco em diminuir as dificuldades de aprendizagem”. A ideia disseminada no senso comum foi a de que, para ser um bom docente universitário bastava ter um vasto conhecimento na sua área de atuação profissional, e que, por se estar formando jovens e adultos, não seria preciso preocupar-se com a aprendizagem de forma contextualizada e didática.

Com o tempo, essa perspectiva foi dando lugar a visão de que as práticas e desafios sobre a maneira de ensinar, estão cada vez mais voltadas para as realidades vivenciadas pelos discentes, de

acordo com o meio social em que se inserem. Esses desafios e práticas, representam, para o professor universitário, muito mais do que uma simples renovação pedagógica e novas formas de ensinar e aprender. Remete a uma reinvenção da sua visão didática, procurando formas de tornar o aluno o protagonista da sua aprendizagem.

O uso dos métodos tradicionais de aprendizagem, com aulas expositivas, muitas vezes faz com que o aluno perca o interesse no assunto e não se sinta motivado a realmente entender e absorver o conhecimento que está sendo transmitido pelo professor. A era da globalização das tecnologias, também é um desafio, pois jovens e adultos sentem cada vez mais a necessidade de estarem conectados a tudo e em todo momento, o que pode causar distrações e falta de foco nas aulas (OLIVEIRA, 2020). De acordo com Almeida (2015) os métodos utilizados no ensino superior são parcialmente aplicados de forma tradicional, mesmo trazendo algumas nuances de inovação como o uso de equipamentos tecnológicos, a postura dos professores em relação à forma de avaliar, ainda provém muito do “medir” conhecimento.

Esta pesquisa justifica-se, em função das inquietações provenientes das aulas e debates levantados durante a exposição de uma disciplina de um programa de mestrados de uma universidade federal do sul do Brasil. Na referida exposição, as principais reflexões pairavam sobre a prática docente, o papel do professor no engajamento do aluno da atualidade, sobretudo o aluno universitário, bem como o desenvolvimento do estudante como indivíduo proativo no seu processo de aprendizado.

O objetivo geral deste artigo é compreender como o professor universitário, em seu trabalho docente, pode organizar as aulas de forma que estas se tornem mais atrativas e produzam aprendizagens realmente significativas aos estudantes. A motivação inicial deste estudo foi discutir sobre a revisão de metodologias de ensino utilizadas no ensino universitário público, trazendo novas perspectivas eficientes no que tange ao processo de ensino aprendizagem no Ensino Superior.

## 2. Método

O artigo trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, em que se buscou identificar na literatura, estudos que pudessem responder aos objetivos da pesquisa, cuja temática chave compreende a aplicação de métodos inovadores a fim tornar uma aula mais atrativa aos alunos, bem como transformá-los em sujeitos ativos do seu processo de aprendizagem. Trata-se de um estudo teórico e reflexivo, a partir das inquietações de um grupo de mestrandos preocupados em exercer a docência de forma inovadora com aplicação de técnicas e métodos que fogem ao tradicional.

O objetivo primário da pesquisa foi compreender como o professor universitário, em seu trabalho docente, pode organizar as aulas para que estas se tornem mais atrativas com efetivos efeitos de aprendizagens para os estudantes. Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico em bases de dados, tais como *Spell*, *SciELO*, *Google Acadêmico*, por meio da utilização de palavras-chaves como: metodologias ativas, prática docente, sala de aula investida, inovação na sala de aula.

Após esse levantamento, foi realizada uma leitura prévia dos arquivos e nesse processo foram se eliminando os que não estavam coerentes com os objetivos deste trabalho. A análise de dados ocorreu por meio da análise documental. De acordo com Lima Júnior et al. (2021) a análise documental é um tipo de análise que compreende um procedimento, o qual se vale de várias fontes e de diferentes documentos, incluindo neste rol, textos, leis, fotos, vídeos etc.

### 3. O planejamento do processo ensino aprendizagem

O planejar é pensar um processo para se alcançar um resultado. Ele reúne um conjunto de ações coordenadas e organizadas, que visam alcançar a realização de determinados objetivos. Quando bem elaborado, permite definir os resultados almejados, considerando o espaço de tempo, os recursos disponíveis, e os procedimentos e técnicas que serão aplicadas. De acordo com seu fim, Brisolla e Assis (2020) sustentam que o planejamento de ensino é alvo de diferentes significados e perspectivas que ao longo dos anos foram se adequando às concepções teóricas e pedagógica, conforme as mudanças educacionais. O auge das produções sobre o planejamento de ensino se deu na década de 1990, tendo como principais autores, Turra *et al.* (1995), sendo a primeira edição de 1975, Piletti (1990), Lopes (1991), Vasconcellos (1995) (BRISOLLA; ASSIS, 2020).

O planejamento de ensino também abre discussões e dividem posturas sobre a forma como este processo é concebido tanto por professores, quanto por Instituições Federais de Ensino Superior (IFES). Para uns predomina a ideia de que planejar é simplesmente definir objetivos, conteúdos e métodos, para outros, predomina a ideia de que o planejamento é uma ação já vencida (SILVA, 2017). O autor reitera a importância de se repensar a ideia do planejamento de ensino, a fim de que se recupere seu espaço no contexto educacional, compreendendo também suas especificidades, níveis e contribuições para a organização pedagógica da escola e da sala de aula.

Leal (2005) indica que existem diferentes abordagens sobre o planejamento, todavia essas abordagens se diferenciam, sobretudo, pela forma como tratam seus elementos. Conforme a autora, considerando as particularidades das abordagens, de maneira genérica e simples, pode-se dizer que o

planejamento de ensino se traduz em pensar a ação docente, refletindo os objetivos pretendidos, os conteúdos, os procedimentos metodológicos a avaliação do aluno, bem como do professor. Ressalta-se que a forma com que as abordagens tratam do planejamento de ensino, se dão a partir de fatores políticos, técnicos, sociais e o educacional. A autora esclarece que os conceitos básicos de planejamento de ensino têm sido redefinidos pela LDBEN, acompanhando o novo modelo de sociedade. É de máxima importância, portanto, que o professor planeje e reflita sobre sua ação em todo o processo de ensino e aprendizagem.

Do planejamento vem o plano. O plano de ensino diz respeito à programação das atividades pedagógicas que serão desenvolvidas durante a disciplina. O plano de ensino é, portanto, um instrumento que correlaciona os conteúdos, bem como as metas que se pretende alcançar durante um processo de ensino. Ele não segue um modelo fixo, mas, deve apresentar uma sequência e os elementos necessários para o processo de ensino aprendizagem. O planejamento deve dispor do programa, a identificação e ementa da disciplina, os objetivos, conteúdos programáticos, metodologia, avaliação, bibliografia básica e complementares da disciplina (SPUDEIT, 2014).

Para a elaboração de um plano de ensino eficiente e eficaz, deve-se ter os objetivos da aula muito bem delineados, assim como os papéis de cada um dos integrantes. Desse modo, obtém-se uma aula proativa com a participação dos alunos e conseqüentemente todos conseguem absorver as informações e contribuir para o enriquecimento da disciplina, inclusive o professor. É importante frisar que plano de ensino e plano de aula são coisas diferentes. Enquanto este trata da programação e orientação de uma aula ou conteúdo em específico, incluindo todos os conhecimentos e atividades que serão desenvolvidas ao longo da aula, aquele diz respeito a um planejamento mais completo no que tange a orientação de uma disciplina em sua integralidade, além de ser dinâmico e adaptável.

Segundo o site da Minha Biblioteca (2021), na graduação o plano de ensino tem várias vantagens, entre elas pode-se citar, a eficiência e o bom desenvolvimento da disciplina, em que o professor se questiona sobre o que é importante os estudantes aprenderem. Auxilia na mensuração de resultados, tendo em vista os objetivos estabelecidos. Por fim, possibilita o alinhamento de objetivos, em que professores e alunos passam a ter conhecimento do que deve ser feito para que a matéria seja concluída com êxito. Com a elaboração do plano de ensino, é fundamental conseguir idealizar uma aula que desperte o interesse dos alunos, isto é, que estimule o desejo e a vontade de aprender por parte do aluno.

#### 4 Como fazer uma aula atrativa para os alunos?

Ser professor no ensino superior é, com certeza, um grande desafio. Saber gerir as aprendizagens dos alunos em sala de aula considerando o perfil formativo coerente com o Projeto Pedagógico do Curso é uma habilidade que poucos docentes do ensino superior consideram. Além disso, é preciso saber manter um ambiente harmônico, concentração nas disciplinas ministradas e assimilação de conteúdos, estas são tarefas desafiadoras para o professor. No cenário atual, a globalização, juntamente com a tecnologia, trazem várias distrações ao discente em relação às atividades em sala de aula, tudo isso torna a tarefa de ser professor mais desafiadora, pois é necessário encontrar soluções para garantir aprendizagens com qualidade e o foco e atenção dos acadêmicos nos estudos.

Mas, diante deste cenário, o que pode ser feito pelo docente no intento de conseguir desenvolver uma aula mais atrativa aos alunos? Fabbro e Santos (2021) entendem que uma aula atrativa deve tornar o aluno protagonista do seu próprio aprendizado e, isso implica que os estudantes absorvem melhor os conteúdos quando participam ativamente da aula. O autor Içami Tiba (2006, p. 42) traz uma boa metáfora para definir uma aula atrativa: “[...] a aula deve ser como uma boa refeição, capaz de despertar o paladar, tem de ser saborosa, ter um cheiro atraente, que mesmo sem estar com fome, irá fazer o aluno querer provar, transformando essa degustação em algo inesquecível e saboroso”.

Por isso, é dever do docente buscar ferramentas e metodologias que se adequem a um ambiente para reter a atenção do aluno, criando no indivíduo o gosto por aprender e continuar aprendendo. Dessa forma, a interação, a metodologia, o planejamento adequado e o diálogo são primordiais para a efetividade da aula. A postura do professor também reflete diretamente no sucesso de uma aula. Este profissional deve ser aberto a indagações, questionamentos, à curiosidade dos alunos, orientando e respeitando suas posições. O professor que se impõe em sala de aula como sendo o detentor do conhecimento e o “dono do saber ou da razão” está influenciando a perda de interesse do aluno pela aula (FREIRE, 2006).

Outra característica importante para o docente é perceber o seu ambiente e conhecer seus alunos. Quando se fala de uma aula atrativa, o que pode ser interessante para um, pode ser monótono para outro, pois, os interesses pessoais variam muito de pessoa para pessoa. Sendo assim, para planejar uma aula atrativa, o docente deve realizar uma imersão na realidade dos alunos. Isso pode ser feito, trazendo assuntos da realidade e cotidiano da vida deles, ou seja, que tragam a dimensão

interdisciplinar à disciplina ministrada. Com isso, os alunos irão vivenciar a indissociabilidade entre a teoria e a prática, internalizando efetivamente o assunto estudado de forma mais complexa e profunda.

A relevância da interdisciplinaridade é apontada por Torres e Irala (2007), como sendo um divisor de águas no processo de concepção do conhecimento. Através da interdisciplinaridade, é possível aproximar diversas disciplinas e conteúdo, que possuem similaridades, além de vivências do próprio cotidiano do aluno ou da profissão, tornando as atividades mais atrativas para estudantes e professores. Além disso, para que se obtenha uma participação mais ativa por parte dos discentes é necessário que o docente crie condições para tal, através de variação nas práticas e desenvolvimento de novas estratégias que possam garantir um aprendizado mais interativo, ligado a situações reais da vida prática, a fim de envolver o aluno na aula.

Deste modo, as mudanças na educação tornam-se fundamentalmente necessárias. A inovação é uma das formas de transformar a educação (CAMARGO; DAROS, 2018), e no âmbito educacional, deve ser compreendida de modo mais amplo. Para Carbonell (2002, p. 19), a inovação educacional trata de realizar mudanças nas “atitudes, ideias, culturas, conteúdos, modelos e práticas pedagógicas. [...] introduzir, em uma linha renovadora, novos projetos e programas, materiais curriculares, estratégias de ensino aprendizagem, modelos didáticos e outra forma de organizar e gerir o currículo, a escola e a dinâmica da classe”.

Na visão dos autores Christensen, Horn e Johnson (2012), todo o processo de ensino aprendizagem deve usar como ferramenta principal a motivação para que, com isso, exista um engajamento por parte dos discentes, é preciso fazer com que assumam a responsabilidade pela própria aprendizagem e se tornem protagonistas da sua jornada estudantil. A maneira como o docente conduz a sua aula reflete diretamente na forma como os universitários direcionam o seu foco e demonstram seu aprendizado. Uma simples mudança na estratégia de ensino pode contribuir significativamente para uma mudança também no aprendizado dos acadêmicos. Ter um excelente currículo não é suficiente para a construção de um processo de ensino e aprendizagem eficaz no ambiente universitário, é preciso entender a forma de construção do conhecimento de jovens e adultos e como reter a sua atenção para tornar esse processo eficiente. Todos no ambiente universitário devem estar comprometidos com a qualidade do ensino, mas é sobre o docente que recai a tarefa principal de estabelecer estratégias variadas de ensino que se comprometam com a efetivação da aprendizagem (OLIVEIRA et al., 2020a).

Para Bartalo e Guimarães (2008, p. 1), “o desempenho acadêmico e a motivação de estudantes do ensino superior têm sido relacionados com o uso adequado de estratégias de estudo e de aprendizagem”. O professor universitário necessita ter a ciência de que as estratégias (ou não estratégias) de ensino e motivação por ele adotadas influenciam diretamente no aprendizado de seus educandos. Para que uma aula seja interessante podemos sugerir algumas técnicas que só serão viáveis se o professor for um facilitador. Já Barros (2019), considera que, para se obter aulas atrativas, deve-se focar principalmente no desenvolvimento da formação do docente. Um excelente profissional é o verdadeiro catalisador de mudanças na formação dos alunos, e para se obter aulas mais atrativas é necessário capacitar constantemente o corpo docente, baseado num tripé (BARROS, 2019, p. 116): “melhor seleção de estudantes para as licenciaturas; maior qualidade do ensino nas licenciaturas e atratividade da carreira docente”.

Partindo das premissas deste autor, pode-se perceber que ainda hoje são raros os espaços de formação continuada de docentes universitários, inclusive nas universidades públicas. Porém, nem todos os professores manifestam o interesse em buscar a formação continuada investindo em sua atividade de ensino. Geralmente, pela própria política de avaliação docente no Ensino Superior valoriza-se mais às atividades de pesquisa e extensão, deixando em segundo plano as atividades de ensino. Esse contexto contribui para que muitos professores, invistam em sua carreira profissional acadêmica muito mais na pesquisa do que propriamente dito na docência, encontra-se professores com muito conhecimento e pouca didática.

A globalização e a modernização das tecnologias, muitas vezes pode atrapalhar o interesse e o foco do aluno em sala de aula, pela necessidade de estar sempre conectado no mundo extrassala, e não conseguir ter algo que o prende de tal forma a se desconectar um pouco das mídias e se preocupar com a sua própria aprendizagem. Mororo (2021), traz um contraponto com a ideia da utilização de novas tecnologias digitais de comunicação e informação para a aprendizagem e a abertura de um universo de possibilidades. A utilização de recursos tecnológicos propicia a imersão dos alunos e professores nos mais diversos ambientes teóricos e práticos, gerando melhores condições de aprendizagem de todos: alunos e professores.

O conjunto das medidas descritas no decorrer desta seção, mediante um olhar e atuação diferenciada no Ensino Superior, tornam as aulas mais atrativas e oferecem uma maior possibilidade de apropriação do conhecimento para acadêmicos, que terão uma formação mais significativa. Para a realização de aulas atrativas, o docente ou responsável por repassar o conhecimento, deve utilizar



todos os meios disponíveis para tal tarefa, inclusive com a utilização das técnicas de ensino mais utilizadas.

## 5 Técnicas de ensino que favorecem a participação do aluno

Ferraz (2016) afirma que o ensino tradicional é o modelo mais comum nas escolas brasileiras. Nesse modelo, que surgiu na Europa entre os séculos XIX e XX, a figura principal é a do professor, o qual é tido como portador e detentor dos conhecimentos e tem como função primária repassá-los aos alunos, os quais devem adquiri-los de maneira cumulativa. O surgimento do novo coronavírus (SARS-COV-2), que posteriormente se disseminou por todo o mundo, caracterizando-se como uma pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020, alterou o contexto do ensino no Brasil. As aulas que até então eram ministradas presencialmente, tiveram que ser alteradas para se adequar à nova realidade (FREITAS; VALLE; PIN, 2021; ARRUDA, 2020; GOMES et al., 2020). Esta nova condição estimulou os professores a recorrerem a algumas técnicas de ensino pouco utilizadas na educação presencial, mas muito utilizadas no Ensino à Distância (EAD).

O conceito de técnicas de ensino ou estratégias de ensino, são as vias utilizadas pelo docente para promover e facilitar a aprendizagem (MALHEIROS, 2012). Com o intuito de elaborar aulas realmente atrativas para os alunos, que despertem o interesse e curiosidade, é necessário que o professor empregue os melhores métodos e recursos didáticos disponíveis. As metodologias ativas têm por finalidade favorecer os processos de ensino e aprendizagem (NICODEM et. al, 2019). O aluno se torna protagonista e responsável pela sua própria aprendizagem, alterando o foco do ensino tradicional em que o professor possui o papel de repassar o conhecimento, com base em planos de ensino elaborados e engessados há muito tempo.

Para se tornar o protagonista, o aluno deve desenvolver diversas habilidades: observação, leitura, pesquisa, construção de sínteses, análise e tomada de decisão (SOUZA; IGLESIAS; PAZIN-FILHO, 2014). As técnicas de ensino estão em processo de evolução, sendo constantemente atualizadas para se obter o melhor aproveitamento dos alunos durante as aulas. A seguir serão apresentadas as técnicas de ensino como sala de aula invertida, tecnologias da informação e comunicação como catalisador da aprendizagem, aprendizagem baseada em problemas (ABP) e debate, que são de grande valia para os docentes obterem a atenção e a participação dos alunos.

O princípio básico da técnica da sala de aula invertida é apresentado por Sandrone *et. al* (2019), que consiste em delegar aos estudantes atividades pré-classe como leituras de textos, vídeos

ou realizar pesquisas sobre o assunto tratado na próxima aula. Assim os alunos já adquiriram certo entendimento sobre a matéria que será desenvolvida em aula. Com a familiarização do tema, ocorre a inversão de papéis, em que um ou mais alunos assumem a função de professor(es) dos demais colegas e o professor torna-se mediador, auxiliando em eventuais dúvidas durante a atividade. Esta técnica em especial faz com que os alunos participem ativamente no processo de ensino e aprendizagem (VALENTE, 2014; MORAN, 2018). Para o docente é necessária uma boa organização, já que é preciso disponibilizar os materiais *online* ou impressos antecipadamente, para que os alunos consigam estudá-los e refletirem sobre o assunto. Assim, é possível realizar um debate ou discussão de maior profundidade em sala de aula, gerando um ambiente de imersão no assunto, em que todos possam contribuir (NAZÁRIO *et al.*, 2020).

Os autores Sun, Wu e Lee (2017), consideram que esta técnica funciona como um método de aprendizagem colaborativa, pois ajuda os alunos a aprimorarem e elucidar conceitos errôneos, através da interatividade com os colegas, aperfeiçoando a aprendizagem. Também possui a função de estimular o diálogo e debate entre os estudantes, com a obtenção de *feedback* instantâneo e desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo (SUN; WU; LEE, 2017). Para Fabbro e Santos (2021) sala de aula invertida é uma metodologia eficiente para a aprendizagem do discente, já que o processo de transferência de conhecimento é realizado através da participação ativa dos alunos. Ainda, Bergman e Sams (2016) apontam outros benefícios como a maior responsabilidade dos alunos no seu processo de aprendizagem, flexibilização de horários do estudante, maior disponibilidade do docente para ajudar os alunos no esclarecimento de dúvidas.

Com a evolução das tecnologias digitais, hoje existem infinitas possibilidades, como por exemplo, imagens em 3D do corpo humano, viagens a outros planetas, imersão no mundo microscópico e simulações diversas. Segundo Lyceum (2018), com a facilidade de acesso à tecnologia, a sociedade atual vive uma disputa de atenção pelas múltiplas telas e conteúdos e diante disto, pedagogos, psicólogos e estudiosos têm encontrado, nesses meios interativos, novos formatos que condizem melhor com as salas de aula. De forma que, essa interatividade rompe com o modelo tradicional de ensino, aquele unidirecional. As TICs estão associadas às metodologias, técnicas, softwares, equipamentos que são empregados para transformar a informação e posteriormente repassar ou comunicar aos interessados de forma mais atraente (SAMUSSNE *et al.*, 2021; NGANGA, 2015).

Estas tecnologias estão disponíveis para a utilização em sala de aula e são capazes de atrair a

curiosidade dos alunos, podendo melhorar o aprendizado. Para ocorrer mudanças significativas, é necessário, além da utilização destes recursos, o domínio destas ferramentas pelos professores, para que sejam capazes de torná-las parte permanente do processo de ensino (MERCADO, 2016). O planejamento de metodologias associada às TIC's disponíveis aos professores e alunos, tem potencial para o aperfeiçoamento da qualidade do ensino superior, auxiliando o processo de aprendizagem individual e coletiva, promovendo a habilidade de reflexão, a capacidade investigativa, intelectual e afetiva dos alunos, para maior autonomia e participação (GONÇALVES; MARCO, 2020; RODRIGUES, 2017; MERCADO, 2016).

A metodologia de aprendizagem baseada em problemas (ABP) é apoiada na solução de problemas interdisciplinares que fazem parte do cotidiano de alunos e professores (OLIVEIRA et al., 2020b). Diversos autores afirmam que é um método que vem ganhando espaço em várias Instituições de Ensino Superior (SOUZA; DOURADO, 2015; BOROCHOVICIUS; TORTELLA, 2014). Nesta metodologia, o docente realiza o papel de mediador, tirando dúvidas, incentivando os alunos e conduzindo a atividade para obter o melhor resultado: a aprendizagem do conteúdo. Frei (2020) expõe a técnica, na qual o professor apresenta um problema a partir de um contexto e os alunos são divididos em grupos e devem propor soluções através de discussões, que ao final serão explanadas para os demais alunos da turma. Não há uma única solução para o problema, podendo-se ter diversas respostas, algumas mais adequadas que outras (SILVA; LINS; LEÃO, 2019).

Hung (2009) separou a técnica em 3 estágios para a formação do conhecimento: a pesquisa, com a intenção da obtenção de conhecimento sobre o tema; o raciocínio, com o intuito de processar e aplicar o conhecimento e por último, a reflexão, para avaliar a obtenção e o processamento do conhecimento. Penaforte (2001), afirma que o objetivo desta metodologia é estimular o raciocínio lógico, interação social entre os alunos, aceitar diferentes pontos de vista sobre o problema, motivando os discentes a compreender na prática o tema tratado e contribuindo para a assimilação e fixação do conteúdo. Para Guedes, Andrade e Nicolini (2015) o aluno é estimulado a estudar e refletir sobre o assunto, adotando uma postura ativa na formação do próprio conhecimento.

## 6 Considerações finais

A prática docente tem cada vez mais despontado situações que desafiam os professores a se reinventarem e buscar técnicas capazes não só de transmitir o conhecimento, mas sobretudo, tornar o discente proativo do processo de aprendizagem. Desta forma, as discussões e debates sobre o papel

do professor, bem como a eficácia e efetividade dos métodos, técnicas e ferramentas que estes adotam no exercício de seu ofício, são válidas e merecem destaque. Tal afirmação se acentua ao se fazer uma análise do novo perfil de estudantes e dos ambientes, sociais e tecnológicos – marcado principalmente pela velocidade tecnológica, da informação e da dinamicidade nas relações –, aos quais estes sujeitos estão submetidos.

Ter consciência de que o método tradicional, por si só, não é mais suficiente para o processo de ensino aprendizagem, deve ser uma premissa básica para o professor que deseja ter sucesso em sua função. Além disso, essa ciência impulsiona o profissional a buscar e quiçá desenvolver métodos que garantam o êxito de suas práticas, tendo como destino final a efetiva aprendizagem do aluno. Dito isto, reitera-se que a mola propulsora inicial para a realização deste estudo foi descobrir metodologias de ensino eficientes, no que tange ao ensino aprendizagem no Ensino Superior. Para alcançar este objetivo, realizou-se uma investigação teórica sobre a elaboração de planos e técnicas de ensino, bem como técnicas que tornam aulas atrativas para os alunos, e algumas ferramentas que podem ser exploradas pelos professores na prática docente.

Ademais, esta pesquisa pautou-se no objetivo de compreender como o professor universitário pode organizar e tornar suas aulas atrativas, que de fato proporcione aprendizagens significativas ao estudante, além de desenvolver nele a proatividade e a capacidade de iniciativa, no tocante a construção de seu conhecimento. Através do levantamento bibliográfico e considerando as produções científicas sobre a temática, foi possível entender que para uma aprendizagem significativa e efetiva, o aluno deve ser o protagonista do seu processo de aquisição de conhecimento e o professor – que outrora já foi o protagonista desse processo – assume um papel de facilitador.

Constatou-se ainda que, por meio da elaboração de um plano de ensino com objetivos e metodologias claras, é possível criar aulas atrativas para todos os participantes envolvidos no processo de ensino aprendizagem, devendo propiciar uma imersão dos estudantes no conteúdo abordado, linkando o que é transmitido em sala de aula, com a realidade cotidiana extra sala dos alunos. Ou seja, o discente precisa ter claro em sua mente a relação do conteúdo que lhe é transmitido de forma sistemática, com sua realidade e aplicações práticas.

Além disso, foi possível identificar algumas metodologias atuais de ensino, como a sala de aula invertida, por exemplo, as quais são mais eficientes no processo de ensino aprendizagem. Outrossim, há ainda as metodologias que podem ser exploradas através das TICs, que por sua vez, podem ser adotadas como ferramentas capazes não apenas de favorecer o processo de elaboração de

uma aula, mas sobretudo, torná-las mais dinâmica e mais condizentes com a realidade do aluno, bem como contribuir para facilitar e favorecer tanto o docente na construção e transmissão do conhecimento, quanto ao discente, na aquisição e internalização do saber.

Pode-se inferir, portanto, que a utilização de técnicas de ensino amplamente consolidadas como a sala de aula invertida, o debate ou a aprendizagem baseada em problemas, em conjunto com outras técnicas mais modernas e atuais. Além disso, tendo as TICs como aliadas, resultam em um ambiente de grande transformação, no qual alunos e professores constroem o conhecimento de maneira mútua e atualizada, acompanhando as tendências pedagógicas e sociais.

Assim como toda investigação, esta também tem limitações e nesse sentido, pode-se elencar, por exemplo, a grande quantidade de técnicas e metodologias de ensino disponíveis, o que inviabilizou a análise de todas e, por conseguinte, o seu entendimento de maneira clara e objetiva. Outra limitação da pesquisa é o fato de ter sido um estudo bibliográfico, pois reitera-se a importância de um estudo empírico a fim de verificar a familiaridade dos professores com as metodologias atuais e ferramentas aqui abordadas, bem como a aplicação destas pelos professores e os resultados do ponto de vista da eficiência das aprendizagens.

Como pesquisas futuras, sugere-se uma pesquisa sobre os perfis de professores, bem como o tipo de formação que estão recebendo das IES. Outra sugestão é fazer um aprofundamento do estudo por meio de uma investigação empírica da aplicação das técnicas e metodologias de ensino aqui apresentadas em diversas turmas acompanhando as mudanças alcançadas.

## Referências

ALMEIDA, H. M. A didática no ensino superior: práticas e desafios. **Revista Estação**, Juiz de Fora, n. 14, 2015.

ARRUDA, E. P. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **Revista de Educação a Distância**, Minas Gerais, n. 1. v. 7, 2020.

BARROS, D. **País mal educado**: porque se aprende tão pouco nas escolas brasileiras. Rio de Janeiro: Record, 2019.

BARTALO, L.; GUIMARÃES, S. É. R. Estratégias de estudo e aprendizagem de alunos universitários: um estudo exploratório. **Informação e Informação**, Londrina, n. 2, v. 13, p. 1 - 14, jul./dez 2008.

BERGMANN, J.; SAMS, A. **Sala de aula invertida**: Uma metodologia ativa de aprendizagem.

LTC, 2016.

BOROCHOVICIUS, E.; TORTELLA, J. C. B. Aprendizaje Basado en Problemas: un método de enseñanza-aprendizaje y sus prácticas educativa. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 22, n. 83, p. 263-294, 2014.

BRISOLLA, L. S.; ASSIS, R. M. O planejamento de ensino para além dos elementos estruturantes de um plano de aula. **Rev. Espaço do Currículo**, João Pessoa, n. especial, v.13, p. 956-966, dez. 2020.

CAMARGO, F.; DAROS, T. **A sala de aula inovadora**: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo. Porto Alegre: Penso, 2018.

CARBONELL, J. **A aventura de inovar**: a mudança na escola. São Paulo: Artes Médicas, 2002.

CHRISTENSEN, C.; HORN, M.; JOHNSON, C. **Inovação na sala de aula**: como a inovação disruptiva muda a forma de aprender. Porto Alegre: Bookman: 2012.

FABBRO, M. T.; SANTOS, L. P. S. Inovando na prática pedagógica com uma sala de aula invertida, atrativa e criativa na disciplina de físico-química experimental. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 1, p. 10302-10312, 2021.

FERRAZ, T. Conheça os métodos de ensino mais comuns nas escolas brasileiras. **Infoescola**, 2016. Disponível em: < <https://www.infoescola.com/noticias/conheca-os-metodos-de-ensino-mais-comuns-nas-escolas-brasileiras/> >. Acesso em: 26 dez. 2021.

FREI, F. Aprendizagem baseada em problemas (ABP) aplicada ao ensino de estatística inferencial não paramétrica no Ensino Superior. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, n. 1, v. 11, p. 13-26, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREITAS, J. L. A.; VALLE, M. P.; PIN, V. V. Êxitos e desfechos no Ensino, Pesquisa e Extensão do curso de Pedagogia da FACELI durante a pandemia da Covid-19. **Devir Educação**, p. 161-182, 2021.

GOMES, V. T. S. *et al.* A pandemia da covid-19: repercussões do ensino remoto na formação médica. **Rev. bras. educ. med.**, Brasília, n. 4, v. 44, n. 4, 2020.

GONÇALVES, E. H.; MARCO, F. F. As implicações metodológicas para a formação docente da abordagem de Tecnologias Digitais em um curso de Licenciatura em Matemática na modalidade a distância. **Educação Matemática Pesquisa**, n. 1, v. 22, 2020.

GUEDES, K. L.; ANDRADE, R. O. B.; NICOLINI, A. M. A avaliação de estudantes e professores de administração sobre a experiência com a aprendizagem baseada em problemas. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 16, n. 1, p. 71-100, 2015.

HUNG, W. The 9-step problem design process for problem-based learning: Application of the 3C3R model. **Educational Research Review**, v. 4, n. 2, p. 118-141, 2009.

LEAL, R.B. Planejamento de ensino: peculiaridades significativas. **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 3, v. 37, 2005.

LIMA JUNIOR, E. B. et al. Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 44, 2021.

LYCEUM. A educação agora é digital. **Lyceum**, 2018. Disponível em: <https://www.lyceum.com.br/>. Acesso em: 20 mar. 2022.

MALHEIROS, B. T. **Didática geral**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

MERCADO, L. P. L. Metodologias de ensino com tecnologias da informação e comunicação no ensino jurídico. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas, v. 21, p. 263-299, 2016.

MINHA BIBLIOTECA. Como fazer um plano de ensino: confira todos os passos. **Minha biblioreca.com.br**. 2021.

MORAN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

MORORO, F. N. M. et al. Formação docente e o suporte da ferramenta google sala de aula: uma análise sob a perspectiva da didática profissional. **Jornal Internacional de Estudos em Educação Matemática**, n. 2, v. 14, p. 142-150, 2021.

NAZÁRIO, A. A., et al. Sala de aula invertida: uma experiência com alunos veteranos no curso de engenharia agrônômica. **Laplage em Revista**, v. 6, n. 1, p. 129-140, 2020.

NGANGA, C. S. N. **Aceitação do uso de recursos tecnológicos pelos docentes de Pós-graduação em Contabilidade**. Universidade Federal de Uberlândia, 2015.

NICODEM, M. F. M. et al. **Metodologias Ativas: Processos E Percursos Desde Confúcio À Contemporaneidade**. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.

OLIVEIRA, E. S. et al. A educação a distância (EaD) e os novos caminhos da educação após a pandemia ocasionada pela Covid-19. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 7, p. 52860-52867, 2020a.

OLIVEIRA, F. V. et al. A Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) articulada à formação inicial e continuada de professores de Química. **Research, Society and Development**, n. 8, v. 9, 2020b.

PENAFORTE, J. J. Dewey e as raízes filosóficas da aprendizagem baseada em problemas. In: **Aprendizagem baseada em problemas: anatomia de uma abordagem educacional**. Ceará: Hucitec, 2001.

RODRIGUES, A. L. **A formação ativa de professores com integração pedagógica das tecnologias digitais.** 2017. 375 f. Tese (Doutor em educação) – Universidade de Lisboa. Lisboa, 2017.

RUIZ, V. M. Estratégias motivacionais: estudo exploratório com universitários de um curso noturno de Administração. **Psicologia Escolar e Educacional**, n. 2, v. 8, 2004.

SAMUSSNE, L. B. *et al.* Fatores condicionantes para a tendência de uso de tecnologias de informação e comunicação (TICs) no ensino superior em Moçambique. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 6, 2021.

SANDRONE, S. *et al.* Education research: flipped classroom in neurology: principles, practices, and perspectives. **Neurology**, n. 1, v. 93, p. e106-e111, 2019.

SILVA, E. F. O planejamento no contexto escolar: pela qualificação do trabalho docente e discente. In: VILLAS BOAS, B. (Org.). **Avaliação: interações com o trabalho pedagógico.** Campinas: Papyrus, p. 25-38, 2017.

SILVA, I. M.; LINS, W. C. B.; LEÃO, M. B. C. Avaliação da aplicação da metodologia aprendizagem baseada em problemas na disciplina de tecnologia da informação e comunicação no ensino de química. **Educación química**, n.3, v. 30, p. 64-78, 2019.

SOUZA, C. S.; IGLESIAS, A. G.; PAZIN-FILHO, A. Estratégias inovadoras para métodos de ensino tradicionais – aspectos gerais. **Medicina**, n. 3, v. 47, n. 3, p. 284-292, 2014.

SOUZA, S. C.; DOURADO, L. Aprendizagem baseada em problemas (ABP): um método de aprendizagem inovador para o ensino educativo. **Holos**, v. 5, p. 182-200, 2015.

SPUDEIT, D. **Elaboração do plano de ensino e do plano de aula.** Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

SUN, J. C. Y.; WU, Y. T.; LEE, W. I. The effect of the flipped classroom approach to OpenCourseWare instruction on students' self-regulation. **British Journal of Educational Technology**, v. 48, n. 3, p. 713-729, 2017.

TIBA, Içami. **Ensinar aprendendo: novos paradigmas na educação.** 18. ed. rev. e atual. São Paulo: Integre, 2006.

TORRES, P. L.; IRALA, E. A. F. Aprendizagem colaborativa. In: TORRES, P. L. (Org.). **Algumas vias para entender o pensar e o agir.** Curitiba: Senar, PR, 2007.

VALENTE, J. A. **A espiral da espiral de aprendizagem: o processo de compreensão do papel das tecnologias de informação e comunicação na educação.** 238 f. 2005. Tese (Livre Docência) – Universidade de Campinas, Campinas, SP: 2005.